

A GUERRA APRENDIDA NA ESCOLA: A TRANSMISSÃO DE MEMÓRIAS JAPONESAS NO TEMPO PRESENTE

Por Marina Magalhães Barreto Leite da Silva[1]



Resumo: Este artigo analisa as representações sobre a Segunda Guerra Mundial, veiculadas em livros didáticos japoneses para a escolarização básica, produzidos entre 1993 e 2002. Discute a omissão do Estado em relação aos crimes de guerra cometidos pelo Japão e as diferentes memórias produzidas por indivíduos de diferentes gerações, dentro e fora da escola que resultam em dois grandes modos de compreender o referido evento: o pacifista, para os mais jovens, e o nacionalista, para os mais idosos.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Crimes de guerra; Livro didático no Japão.

Abstract: This article analyzes the representations of the Second World War, aired in Japanese textbooks from basic education, produced between 1993 and 2002. Discusses the failure of the State in relation to war crimes committed by Japan and the different memories produced by individuals from different generations, inside and outside of the school that result in two major ways of understanding the event: the pacifist for the younger and nationalist for the elderly.

Keywords: Second World War, War Crimes; Textbooks in Japan

Em 15 de agosto de 1945, o povo japonês ouviu pelo rádio a rendição incondicional do país, através das palavras do então imperador Hirohito. A Segunda Guerra Mundial chegava, de fato, a seu fim no Pacífico. Porém, observando nos noticiários dos últimos anos as manifestações de contrariedade entre alguns governos asiáticos, em especial o chinês e o japonês, com relação a certas questões que remetem ao período da guerra, surge uma questão fundamental: o conflito asiático teria sido completamente encerrado?

Ainda hoje, são grandes e variadas as controvérsias que envolvem os acontecimentos da Segunda Grande Guerra. Os japoneses, em especial os nascidos no período imediatamente posterior à guerra, agindo em uma combinação de sua tradição milenar e das feridas deixadas pelo encerramento do conflito, estabeleceram representações diversas dos ocorridos do período entre 1931 e 1945. Tais representações desencadeiam, no tempo presente, uma série de embates ideológicos internos e, também, entre o arquipélago nipônico e seus vizinhos diretamente atingidos pela expansão do chamado “Império do Sol Nascente” no início do século XX, como a Coreia do Sul, a Coreia do Norte, a Indonésia, a Rússia e, principalmente, a China.

Baseado no conceito de memória coletiva de Allesandro Portelli (1996) e Michael Pollak (1989; 1992) e partindo da hipótese de que, na Ásia, a Segunda Guerra Mundial não teria tido um final propriamente dito – especificamente no que se refere ao campo ideológico –, este artigo analisa as representações de memória no Japão, capturadas em livros didáticos de história japoneses, produzidos entre 1993 e 2002. Ele examina os modos pelos quais diversas memórias acerca da Segunda Guerra Mundial são transmitidas, buscando responder às seguintes questões: todas as memórias estabelecidas sobre a Segunda Guerra Mundial, no Japão, apontariam para a mesma direção? O discurso governamental e a chamada memória oficial seriam os principais responsáveis pelo atual quadro de memória japonês? Seria o ensino de História no Japão uma fonte de credibilidade à memória oficial? A questão denunciada por países vizinhos sobre os livros didáticos nipônicos ainda é vigente nas atuais publicações escolares do país? As representações de memórias diversas estão presentes na vida diária japonesa?

O governo e os livros

Já na década de 60 do século passado, a questão voltada para o ensino da História no Japão era pauta para o Ministério da Educação do país. De acordo com Franziska Seraphim, uma das grandes ironias das políticas voltadas para a memória no Japão reside no fato de que o governo se nega a assumir uma definição oficial do significado da guerra. Assim, gestos governamentais indiretos demonstram, algumas vezes, a continuidade do nacionalismo do período da guerra. Após diversas atitudes, como a inserção secreta, em Yasukuni, dos nomes de criminosos de guerra condenados pelo tribunal de Tokyo, “os oponentes ficaram

convencidos de que o governo estava empurrando a memória da guerra corrente com interesses especiais nacionalistas”. (SERAPHIM, 2008:24. Trad. minha).

Questões envolvendo o conteúdo dos livros didáticos utilizados nas escolas japonesas são chaves na análise da forma com que a memória oficial, chamada memória nacional por alguns, é transmitida às novas gerações no tempo presente. Neste sentido, a educação no país reflete a forma com que o governo permite que tal fato se dê, sendo uma das preocupações centrais em relação ao quadro de memória japonês, por parte de seus vizinhos asiáticos em especial. (Idem:227. Tradução minha).

No Japão, o Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia (MEXT) é o responsável pelo estabelecimento das regras de ensino no país, estabelecendo os parâmetros a serem seguidos em todos os estabelecimentos de ensino do território japonês. Informações fornecidas no endereço virtual do MEXT são fundamentais, na medida em que estabelecem a forma com que é regulamentada a educação e, especialmente, como se dá o funcionamento da autorização para uso dos livros didáticos. Livros estes que, segundo o próprio ministério declara, são de uso obrigatório e são, todos, autorizados pelo órgão antes de sua publicação.

No processo de autorização, cada livro editado e compilado é encaminhado ao Conselho de Autorização do Livro Didático, onde passa por análise detalhada de seu conteúdo. Depois dessa etapa, cada província determina quais dos livros autorizados serão utilizados em suas escolas, fornecendo gratuitamente o material aos alunos do ensino obrigatório, o que corresponde aos nove primeiros anos de escolaridade.

O Conselho de Autorização voltado para a aprovação de uso dos livros didáticos é formado por professores, selecionados de acordo com a experiência profissional, tanto na prática como professor como no que diz respeito ao conhecimento da legislação educacional do país, e baseado na ausência de relações com editoras ou autores.

Em 25 de dezembro de 2008, tal conselho publicou um relatório acerca das metas de melhoria na transparência e qualidade dos livros a serem autorizados.

Tal documento expõe as características necessárias aos livros e à forma com que devem se apresentar e como devem ser selecionados, primando sempre pela qualidade e pela motivação dos alunos em aprender.

O ministério também expõe, em seu site, a legislação que concerne o livro didático, como forma de basear as ações declaradas, no mesmo endereço, com relação a essa questão.

O regulamento de avaliação dos livros didáticos data do ano de 1990, o primeiro da Era Heisei, ou seja, o primeiro ano após o falecimento do imperador Hirohito e primeiro do imperador Akihito no poder.

De acordo com o decreto, o livro é fundamental para o aprendizado dos alunos em geral. No pedido de avaliação de livros, os autores devem submeter uma cópia do material juntamente a diversos documentos. Os livros podem ser rejeitados por completo, devolvidos para correção, com base nas notas dos avaliadores, ou apenas aceitos, sendo que os autores avaliados devem pagar uma taxa de avaliação ao ministério.

Anualmente, no mês de abril, a lista de livros aprovados pelo MEXT é publicada. Com base na análise das listas passadas, entre os títulos citados nos protestos vizinhos e os atuais resultados de aprovação não há grandes mudanças. Em geral, os livros de história aprovados variam somente quanto à edição. No mesmo endereço virtual, o MEXT fornece a lista das gráficas que, em geral, são responsáveis pelo fornecimento dos livros didáticos no país. As mudanças editoriais são relativas a pequenas correções que ocorrem nos textos dos ditos livros ao longo dos anos, mas o padrão de características do material e da forma com que escrevem seus autores se mantém (Todas as informações aqui descritas podem ser encontradas no endereço virtual do MEXT: <http://www.mext.go.jp>).

A postura do MEXT com relação aos livros didáticos é o que podemos considerar padrão, diante dos parâmetros adotados pelos demais governos. Porém, as polêmicas nas quais o país está envolvido devido a seu passado exigem do órgão maior cautela e, por parte de seus funcionários, maior conhecimento de causa, no sentido de estabelecer, da melhor forma, o ensino dos fatos passados.

Levando-se em consideração que o quadro de memórias no Japão possui uma imensa complexidade, não se pode negar que, de fato, a ação de controle do MEXT possui a

influência do pano de fundo representado pela memória oficial. Tal ação é uma maneira de transmitir às mais novas gerações aquilo que é considerado pelo governo constituído como a forma em que se deram os fatos durante os anos da História do Japão e, em especial, ao longo da Segunda Guerra Mundial.

A polêmica recente

A principal crítica voltada para o conteúdo dos livros didáticos por parte de países, como China e Coréia do Sul, está ligada à maneira com que os autores de tais livros abordam as investidas militares japonesas sobre os territórios vizinhos.

Kenzaburo Oe, vencedor do prêmio Nobel de literatura, em abril de 2007, manifestou sua insatisfação com o pedido governamental às editoras japonesas para que omitissem a questão das ordens militares relativas ao suicídio de civis no fim da guerra. Pedido este que anteriormente esteve voltado para suavizar as descrições sobre a ação nipônica na cidade de Nanjing ou a instalação de casas de prostituição compulsória pelos militares ao longo dos anos 1930 e 1940.

No que diz respeito à tomada da Manchúria, em 1931, por exemplo, o livro **Atarashii no Rekishi no Hon** cita:

Mais de 200.000 japoneses viviam na Manchúria no início da Era Showa. A fim de protegê-los, o território de Guandong, e a Estrada de Ferro South Manchúria, o Japão posicionou uma tropa de 10.000 soldados (o Exército de Guandong) na região.

Como o Exército de Guandong assegurou seu controle sobre a Manchúria, tomando medidas como o assassinato do chefe militar Zhang Zuolin com uma explosão, o movimento chinês anti-nipônico se intensificou. Obstruções de trens e perseguições de residentes japoneses passaram a ocorrer mais frequentemente. O Japão também foi ameaçado pela União Soviética pelo norte e a força do Kuomintang foi enviada pelo sul. Neste contexto, alguns oficiais do Exército de Guandong elaboraram planos para ocupar a Manchúria militarmente e resolver estes problemas. (ATARASHII no Rekishi no Hon, 1998. Trad. minha)

Essa atitude, portanto, afasta do Japão o pensamento de expansão territorial e atribui às tropas enviadas a missão de simplesmente defender os japoneses que lá viviam.

O mesmo livro afirma que a Segunda Guerra Mundial causou muitas perdas na Ásia, onde os países viraram campos de batalha, mas que não se pode esquecer que o Japão também

perdeu muitos civis ao longo da batalha. Os grupos ditos “anti-japoneses”, unidos às forças aliadas, foram os causadores das mortes de muitos militares e civis ao longo dos combates, chegando a afirmar que pessoas nas Filipinas e na península da Coréia os receberam como libertadores no período de ocupação e que “de vez em quando havia resistência ao fato de o Japão forçar as pessoas das áreas ocupadas a aprender japonês e rezar em santuários shintoístas”. (Id. Ibid. Tradução minha).

A polêmica mais recente sobre a questão dos livros didáticos teve início no ano de 2001, quando foram questionados os conteúdos aprovados pelo Ministério da Educação japonês para os livros de História voltados aos ensinamentos fundamental e médio. Inicialmente, os livros citados foram: *Atarashii no Rekishi no Hon [Livro de história da atualidade]*. *Fushōsha, Atarashii Shakai Rekishi [História atual da sociedade]*. Tokyo Shoseki, 2002, *Chugaku Shakai: Rekishi [História social para Ensino Fundamental]**. Osaka Shoseki, 1993, *Shakai Rekishi: Nihon no ayumi to sekai no ugoki [História social: Passado japonês e eventos mundiais]*. Teikoku Shoin, 2001, *Chugaku Shakai Rekishi: Nihon ayumi to sekai [História social para Ensino Fundamental: Passado japonês e o mundo]*. Nihon Bunkyo Shuppan, 1997, *Chugaku Shakai Rekishi [História Social para Ensino Fundamental]*. Kyōiku Shuppan, 1999, *Chugaku Atarashii Rekishi: Nihonshi to sekai [História atual para Ensino Fundamental: História do Japão e o mundo]*. Shimizu Shoin e Watashitachi no Chugaku Shakai: *Rekishi [Nossos estudos sociais de Ensino Fundamental: História]*. Nihon Shoseki Shinsha (*Chugaku* corresponde, nos parâmetros brasileiros de ensino, ao Ensino Fundamental, que vai do 1º ao 9º ano).

Logo após a denúncia relativa aos livros, o Ministério de Relações Exteriores do Japão disponibilizou em seu site os trechos referentes à guerra nos livros criticados, traduzidos para o inglês. Em 2002, foram estabelecidos pelo Ministério da Educação novos parâmetros para a aprovação dos livros.

Ao analisarmos os trechos dos livros colocados à disposição no endereço virtual do Ministério das Relações Exteriores, pode-se desenvolver um padrão de análise dos conteúdos por tópicos centrais em relação à guerra. Ou seja, a partir da análise dos textos apresentados em cada livro sobre determinados tópicos, podemos estabelecer um ponto de vista sobre possíveis omissões ou negligências em relação a alguns fatos de destaque na Segunda Guerra Mundial.

Destacaremos, dessa forma, a fim de seguir tais parâmetros, estabelecendo a análise, os seguintes acontecimentos: a tomada da Ponte Marco Pólo, a tomada da cidade de Nanquim, o bombardeio a Pearl Harbor, a ofensiva aliada e os bombardeios atômicos e, por fim, a rendição japonesa. É importante registrar que nenhum deles aborda a questão do estabelecimento dos chamados “bordéis da guerra”, em especial por se tratar de livros de educação infantil, apesar de tratar-se de um dos pontos de grande polêmica com relação aos crimes de guerra cometidos pelo Japão durante o conflito.

Seguindo este organograma, inicialmente nos cabe analisar quatro dos primeiros livros indicados como errôneos pelas críticas Sino-Coreanas, em 2001, obedecendo à sequência, observando os trechos traduzidos para o inglês pelo Ministério da Educação.

O livro *Atarashii Shakai Rekishi* tratava da Segunda Guerra Mundial em seu sexto capítulo, intitulado “Japan and the Two World Wars”. Sobre o chamado Incidente da Ponte Marco Pólo, o livro cita que, no dia 7 de julho, após um enfrentamento entre os exércitos japonês e chinês, a ponte foi tomada, iniciando a segunda Guerra Sino-Japonesa. Assim, a luta expandiu-se para a região central da China e, no fim do mesmo ano (1937), os militares japoneses tomaram a capital Nanquim. O livro informa, de acordo com a tradução do ministério, que “um grande número de civis chineses foram mortos, incluindo mulheres e crianças (o incidente de Nanquim)” (*ATARASHII Shakai Rekishi*. 1998. Trad. minha). O livro afirma em nota que esse incidente ficou conhecido como Massacre de Nanquim e foi criticado internacionalmente, mas o povo japonês não tomou conhecimento das atrocidades que ocorreram durante a batalha. O mesmo livro também afirma que, no dia 8 de dezembro de 1941, o Japão lançou um ataque surpresa contra Pearl Harbor, no Havaí, e a Guerra do Pacífico teve início. A ofensiva aliada é tratada como a lenta perda e territórios a partir da batalha de Midway

E os bombardeios à ilha principal se intensificaram; em particular os massivos ataques aéreos sobre Tokyo em março de 1945 mataram mais de 80.000 civis e incendiaram as casas de mais de 1 milhão. Ao mesmo tempo, severo desabastecimento de comida e outros bens fizeram com que fosse impossível para o Japão continuar lutando. (Id. Ibid. Trad. Minha)

Também em Okinawa a ofensiva aliada matou milhares de japoneses, segundo o livro, incluindo crianças e estudantes (descrição acompanhada por uma imagem de militares norte-

americanos utilizando lança-chamas durante a batalha de Okinawa). Ao mesmo tempo, os EUA preparavam o fim da guerra, estabelecendo o tratado de Potsdam, que exigia a rendição incondicional do Japão, e em agosto do mesmo ano lançou sobre Hiroshima e Nagasaki as bombas atômicas. Nessas circunstâncias, o Japão decidiu aceitar o tratado, e o imperador discursou no rádio à população, informando o fim da guerra.

O livro *Chugaku Shakai: Rekishi* traz, na segunda seção de seu quinto capítulo – “Japan and the World in the Modern Era” –, intitulada “O Japão durante as duas guerras mundiais”, os temas que buscamos analisar. De forma consideravelmente mais aprofundada, o livro afirma, sobre o incidente ocorrido durante a tomada da Ponte Marco Pólo, que, em julho de 1937, o exército japonês entrou em conflito com o exército chinês e, embora houvesse um cessar-fogo em voga, a política do governo japonês era obscura e as hostilidades deram início à Guerra Sino-Japonesa. Em dezembro, o exército ocupou Nanquim e matou muitos cidadãos, incluindo crianças e mulheres. Em nota, informa que o povo japonês somente foi informado sobre o acontecimento após o julgamento dos crimes cometidos – o Tribunal de Tokyo.

Pearl Harbor, neste livro, é citada como marco do início da guerra no Pacífico, apenas, sem maiores aprofundamentos. A ofensiva aliada é apresentada como tópico ainda não traduzido, mas é destacado o fato de a URSS ter rompido o acordo de não-agressão assinado com o Japão, além dos dois bombardeios atômicos e seus resultados numéricos chocantes em relação ao número de mortos e feridos. Até o último momento, segundo a tradução, o governo trabalhou para manter o sistema ordenado pelo imperador, mas em 14 de dezembro resolveu aceitar o Tratado de Potsdam, sendo informado à população em 15 de dezembro – dia seguinte –, pelo imperador, que o Japão havia se rendido.

Chugaku Atarashii Rekishi: Nihonshi to sekai, o terceiro livro que aqui analisamos, aborda a Segunda Guerra Mundial em seu quinto capítulo, intitulado “Japan and Two World Wars” [*Japão e as Duas Guerras Mundiais*], de acordo com a tradução do ministério. Nesta publicação, a tomada da Ponte Marco Pólo é, inicialmente, citada sem referências mais profundas e apenas como o incidente que levou ao início da guerra Sino-Japonesa, por falha nas negociações de paz pelo governo. Em seguida, o mesmo incidente é citado em um mapa, também sem muito mais aprofundamento. A tomada da cidade de Nanquim, por sua vez, é atribuída ao mau suprimento das necessidades dos militares japoneses em campo de batalha. Traduzido, o trecho diz:

O sistema de reabastecimento japonês era lamentavelmente inadequado. Assim, o exército exigiu suprimentos e trabalho nas áreas ocupadas, assegurando alimentação naquelas áreas também. Por essa razão, incidentes como saques, incêndios e assassinatos não eram incomuns. A ocupação de Nanquim é especialmente notória pela violência indiscriminada do exército contra a população chinesa, incluindo soldados desarmados e capturados, idosos, mulheres e crianças. Estimativas de fatalidades chinesas nesta ocasião, incluindo soldados que morreram em combate, alcançam altos números. Muitos países estrangeiros criticaram fortemente o Japão pelo Massacre de Nanquim, mas no Japão poucas pessoas tinham sequer a noção de que tal incidente teria ocorrido. Esse tipo de atitude por parte dos militares japoneses apenas deu força à resistência do povo chinês e alimentou o seu ódio ao Japão. (CHUGAKU Atarashii Rekishi: Nihonshi to sekai. 2001. Trad. minha).

O mesmo livro afirma, sobre o ataque a Pearl Harbor, que o Japão o executou de forma surpresa, em 8 de dezembro de 1941. Ele informa que logo antes do ocorrido, durante a ocupação da Malásia, o país já havia declarado guerra aos EUA e à Inglaterra, dando início à Guerra do Pacífico. O livro é um dos poucos, que traz a questão dos territórios ocupados, aliada à polêmica posterior de reparação em relação aos atingidos pela guerra devido ao avanço imperialista nipônico. Também afirma que o povo japonês foi vítima da guerra, com os bombardeios aliados e o lançamento das bombas atômicas. Após a rendição e o informe dado pelo imperador a seus súditos, “a guerra finalmente chegou ao fim, 15 longos anos depois do Incidente da Manchúria”. (Id. Ibid. Trad. minha).

O quarto e último livro - *Chugaku Shakai Rekishi: Nihon ayumi to sekai* – tem como tema a guerra em seu sexto capítulo, “A Rapidly Changing World and Japan” [*Um Mundo Mudando Rapidamente e o Japão*]. Em um mesmo capítulo, o livro trata as duas grandes guerras, além da modernização japonesa e a ascensão militarista.

A publicação traz sobre o Incidente da Ponte Marco Pólo uma citação apenas como o enfrentamento entre o exército imperial e o exército chinês, nos arredores de Beijing, que levou ao início da Guerra Sino-Japonesa. A tomada de Nanquim, também de forma breve, é citada como uma ofensiva que matou muitos cidadãos inocentes e foi extremamente criticada pela sociedade internacional, apesar de a população japonesa não ter tido conhecimento do fato na época em que ocorreu. O ataque a Pearl Harbor também é citado como um ataque surpresa, com a declaração de guerra por parte do Japão, em 8 de dezembro, iniciando a Guerra do Pacífico.

A ofensiva aliada é citada, nesta última publicação traduzida que no momento analisamos, como ataques em larga escala às maiores cidades japonesas e a ocupação de Okinawa. Segundo os trechos traduzidos, “quando o Japão continuou a lutar (após recusar-se a aceitar o Tratado de Potsdam), mesmo completamente isolado, os Estados Unidos lançaram as bombas atômicas em Hiroshima, em 6 de agosto, e em Nagasaki, em 9 de agosto”. (CHUGAKU Shakai Rekishi: Nihon ayumi to sekai. 1997. Trad. minha). Este livro também cita o fato de a Rússia ter quebrado o pacto de não-agressão entre os dois países, dias antes da aceitação do Tratado de Potsdam pelo Japão e o discurso do imperador anunciando publicamente a rendição.

Na análise sobre as questões tomadas como parâmetro e a maneira como são descritas em cada livro – levando em consideração o fato de tratar-se de traduções para o inglês elaboradas pelo próprio governo –. pode-se observar nitidamente não uma distorção de fatos, mas certa omissão de informações por parte de alguns livros. Cabendo destacar, principalmente, que três, entre as quatro traduções analisadas, foram claras em relação ao Massacre de Nanquim e que todos trataram de forma muito prejudicial, principalmente à população japonesa, os acontecimentos do grande conflito mundial.

Ainda no ano de 2010, porém, a questão do conteúdo dos livros didáticos de História, utilizados nas escolas japonesas, está em voga e cabe a apresentação de uma análise dos livros disponibilizados pelas livrarias do país, a serem utilizados pelos jovens para o estudo da História.

Os livros hoje

A partir do ano de 2006, é apresentado no site do Ministério da Educação do Japão (<http://www.mext.go.jp> [última visita: 13 de dezembro de 2010]) o inventário de livros selecionados para o uso nas escolas japonesas, dentro dos padrões estabelecidos pelo regulamento criado para a seleção do material. Observando estes inventários, não encontramos títulos diferentes dos citados nos protestos por parte dos países vizinhos, havendo apenas uma diferença de edições entre as publicações homônimas.

Porém, para além dos livros listados pelo Ministério da Educação anualmente para o uso em escolas públicas, são vendidos por todo o país outros diversos livros com conteúdo historiográfico voltado para a aprendizagem de jovens, igualmente aprovados para a publicação pelo Ministério da Educação. Tais livros possuem textos de fácil compreensão da História, além de servirem, muitas vezes, como guias didáticos para os professores de ensino fundamental e ensino médio.

As livrarias japonesas apresentam inúmeras prateleiras completamente cheias de livros didáticos, adequados a todos os períodos escolares, de graduação e pós-graduação, com uma variedade enorme de publicações voltadas para o ensino e aprendizado da História entre estes.

Ao tomarmos como base os mesmos parâmetros estabelecidos na análise dos trechos traduzidos e disponibilizados pelo Ministério da Educação, anteriormente, cabe-nos também a análise dos textos contidos nesses livros. Nossa amostra é constituída por três publicações, sendo duas voltadas para o ensino médio – intituladas *Nihonshi zuroku Nihon-shi zuroku* [Registro Pictórico da história do Japão] e *Nihonshi* [História do Japão] – e uma voltada para o ensino fundamental – de título *Kuwashii Rekishi* [História Detalhada].

A publicação *Nihonshi zuroku* consiste em um livro em formato de linha do tempo, que traz os acontecimentos históricos desde a antiguidade no Japão e explicações básicas sobre os mais fundamentais deles.

Sobre o Incidente da Ponte Marco Pólo, encontramos o seguinte trecho:

第1次近衛内閣成立直後の7月7日、夜間演習中の日本軍と中国軍が衝突し、日中戦争へ拡大していった。

Imediatamente após a organização da primeira divisão da Guarda Imperial, em 7 de julho, em uma mobilização noturna, o exército japonês e o exército chinês se enfrentaram e teve início a Guerra Sino-Japonesa. (YAMAGAWA. Shosetsu: *Nihon-shi zuroku*, 2010:271. Trad. minha).

Citado como “Incidente de Nanquim”, a tomada da cidade chinesa é abordada em uma linha do tempo – presente ao longo de toda a publicação, no sentido de guiar temporalmente os estudos – e marcada, junto a sua data, no mapa que indica a movimentação e expansão japonesa na China. Na dita linha do tempo, encontramos, no tópico referente à tomada da

cidade de Nanquim, a frase “*Nihon-gun ga Nankin o senryo (Nankin jiken)*”, do português “O exército japonês ocupou a cidade de Nanquim (Incidente de Nanquim)”.

O bombardeio a Pearl Harbor recebe destaque no seguinte trecho:

1941年12月8日早朝、日本軍によるマレー半島コタバル上陸、ハワイの真珠湾攻撃から太平洋戦争が開始された。オアフ島真珠湾に在泊していた米太平洋艦隊の艦船9隻のうち、5隻が沈没、2隻が中大破した。空母3隻は出動なかであった。

Na manhã de 8 de dezembro de 1945, as tropas japonesas desembarcaram da Península Malaia Kota Bharu, e a partir de um ataque a Pearl Harbor, no Havaí, foi iniciada a Guerra do Pacífico. Dos navios da frota norte-americana que estava estacionada em Oahu, Pearl Harbor, durante a noite, nove navios foram atingidos, cinco afundados e dois destruídos. Foram enviados 3 porta-aviões para o ataque. (YAMAGAWA. Op.Cit. p. 276. Trad. minha).

Com o início do avanço aliado sobre as áreas ocupadas pelo império e as ofensivas aliadas, seguem-se duas páginas referentes aos bombardeios norte-americanos e o lançamento das bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, trazendo estatísticas, mapas e fotografias referentes à forma com que o país foi destruído ao longo das movimentações por parte dos países aliados, em página de título Haisen [Derrota].

A rendição japonesa, por sua vez, é apresentada em dois tópicos complementares um ao outro, acompanhados, respectivamente, de duas fotos muito conhecidas: a primeira, a imagem que registra a assinatura da rendição a bordo do encouraçado US Missouri e a segunda, uma imagem da capa de um jornal nipônico, anuncia o fim do conflito armado. Os tópicos são constituídos do texto seguinte:

降伏から占領へ 広島・長崎への原爆投下、ソ連の参戦という事態のなか、8月10日の御前会議で、愷気貫太郎首相は天皇の「聖断」によってポツダム宣言受託を決定。8月14日に再度確認の御前会議をおこない、8月15日、いわゆる玉音放送で発表した。1945年9月2日、東京念上の戦艦「ミズーリ号」で、降伏文章の調印代がおこなわれた。日本政府代表重光葵外相、軍部代表梅津美治郎参謀総長とマッカーサー 連合軍最高司令官と9か国の代表が署名し、3年8か月の太平洋戦争が終結した。

Da rendição à ocupação

Com o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, e a declaração de guerra da União Soviética, na reunião de 10 de agosto, o primeiro-ministro Kantarō Rinki comunicou a "decisão imperial" de assinar a Declaração de Potsdam. Em 14 de agosto, a aceitação da declaração aconteceu e, em 15 de agosto, foi anunciada a rendição.

Em 02 setembro de 1945, no encouraçado US Missouri, fundeado na Baía de Tokyo, foi assinada a rendição. O Ministro de Relações Exteriores do Japão, Mamoru Shigemitsu, o Ministro da Defesa, Yoshijiro Umezu, o Comandante Superior das Tropas aliadas, Gal. Douglas MacArthur e representantes militares de mais nove países assinaram o documento e, com três anos e oito meses, a Guerra do Pacífico foi encerrada. (YAMAGAWA. Op.Cit. p. 283. Trad. minha).

Nihonshi, por sua vez, é o típico livro escolar, trazendo grandes textos, acompanhados de imagens exemplificativas, mapas didáticos e estatísticas explicativas dos fatos. Por se tratar de uma publicação da mesma editora de *Nihonshi zuroku*, o livro fornece uma explicação mais detalhada do que é exposto no registro pictográfico acima analisado.

A explicação sobre O Incidente da Ponte Marco Pólo informa a data do evento e a maneira como ocorreu, incluindo, porém, o seguinte trecho:

いったんは現地で停戦協定が成立したが、近衛内閣は軍部の圧力に屈して当初の不拡大方針を変更し、兵力を増派して戦線を拡大した。これに対し、国民政府の側も断固たる抗戦の姿勢をとったので、戦闘は当初の日本側の予想をはるかに超えて全面戦争に発展した。

Uma vez que foi estabelecido o cessar-fogo no campo de batalha, a cúpula da Guarda Imperial mudou sua posição inicial e sucumbiu à pressão militarista, expandido a linha de frente das tropas. Por outro lado, o governo comunista também tomou uma posição firme na luta e a batalha evoluiu para uma guerra total, muito além das expectativas originais dos japoneses. (AMAGAWA. Shosetsu: Nihon-shi, 2010:330. Trad. minha).

O livro detalha mais o fato, informando que a ação japonesa foi deflagrada, mesmo com o cessar-fogo firmado. O episódio de Nanquim é citado como uma consequência do crescimento do exército nipônico, que acabou por dominar a capital do governo comunista. Porém, em acréscimo a esta informação, a publicação didática traz uma nota de rodapé, descrevendo momentos da batalha na cidade. Diz a parte inicial da nota:

南京陥落の前後、日本軍は市内外で略奪・暴行をくり返したうえ、多数の中国人一般住民(婦女子をふくむ)および捕虜を殺害した(南京事件)。[...]

Antes e depois da queda de Nanquim, soldados japoneses realizaram repetidos ataques e saques nos arredores da cidade, a muitos chineses (inclusive mulheres e crianças) e prisioneiros de guerra foram mortos (Incidente de Nanquim). (Id. Ibid.. Trad. minha).

Como vemos, o livro não negligencia a questão que gera, atualmente, grande polêmica internacional e colocando, mesmo que de forma não destacada, o problema do Massacre de Nanquim.

O ataque a Pearl Harbor, por sua vez, é citado no tópico voltado para a Segunda Guerra Mundial, no trecho abaixo transcrito:

12月8日、日本陸軍が英領マレー半島に 奇襲上陸し、日本海軍がハワイ真珠湾を 奇襲攻撃した。日本はアメリカ・イギリスに宣戦を布告し、第二次世界大戦の重要な一環をなす太平洋戦争が開始された。

Em 8 de dezembro, o exército japonês realizou um ataque surpresa à Grã-Bretanha, na Malásia e a Pearl Harbor, no Havaí. O Japão declarou guerra aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha, iniciando uma importante parte da Segunda Guerra Mundial, a Guerra do Pacífico. (Idem. p.339. Trad. minha)

A publicação informa, em nota de rodapé, como o ocorrido no arquipélago havaiano acabou por mobilizar todos os EUA, com o lema “Remember of Pearl Harbor”, e levou a um alistamento em massa na sociedade norte-americana – o que gera, também como resultado, a criação de memoriais, filmes, documentários e até mesmo canções que têm como título e tema a frase.

As últimas três páginas do capítulo dedicado ao tema trazem o avanço aliado e a derrota nipônica, incluindo os bombardeios nucleares e a assinatura do tratado de paz pelo Japão, dando destaque, inclusive, trechos do documento elaborado em Potsdam, que impunha a rendição japonesa.

Voltado para 1o e 2o ano do *Chuugakou*, ou seja, crianças de 11 e 12 anos (6º ao 9º ano), *Kuwashii Rekishi* aborda desde a História Antiga até o tempo presente, tanto japonês quanto mundial.

Assim como os demais livros vendidos atualmente nas livrarias nipônicas e aqui trabalhados, tal publicação traz a abordagem de todos os tópicos que destacamos nos livros, inovando, porém, em alguns detalhes fundamentais. A questão da ação japonesa durante o domínio de Nanquim, por exemplo, pela primeira vez entre os três livros aqui descritos, é citada como Massacre e é abordada com os dados que atribuem ao acontecimento tal

condição, como o número de pessoas mortas. O trecho seguinte corresponde ao tópico, que recebe destaque no livro, sobre o “Incidente do Massacre de Nanquim”.

南京大虐殺事件 1937年12月に南京を占領した日本軍は、翌年の2月ごろまでに女性や子どもをふくむ少なくとも20万人の中国人を虐殺し、中国人の財産を奪ったという。この事件は国際的な悲嘆をうけた。

Incidente do Massacre de Nanquim

Em dezembro de 1937, o exército que ocupou Nanquim, até por volta de fevereiro do ano seguinte, massacrou cerca de 200 mil chineses, incluindo mulheres e crianças, tomando as propriedades dos chineses. Esse incidente foi muito criticado internacionalmente. (KIMURA Shigemitsu. *Kuwashii rekishi chūgaku 1 – 2*, bun Eido, 2002:273. Trad. minha).

Entre os livros aqui analisados, *Kuwashii Rekishi* é o mais detalhado, sem deixar, obviamente, de manter um caráter didático voltado para a faixa etária que procura atingir. O autor, Kimura Shigemitsu, busca abordar, de forma leve, todos os aspectos.

Em relação aos livros de Ensino Médio já analisados, o livro de ensino fundamental não traz muitas informações básicas adicionais além do que é citado nos de nível mais elevado, principalmente por tratar-se de um público alvo mais jovem. Além do tratamento diferenciado dado ao Incidente de Nanquim, os demais fatos adotados em nosso padrão de análise recebem o mesmo enfoque que os demais livros que trabalhamos.

Ao analisarmos os três livros mais atuais, é possível perceber uma leve mudança no conteúdo didático do material. Porém, cabe-nos lançar um breve olhar sobre a maneira com que a juventude japonesa observa e absorve o que lhes foi passado em sala de aula, fator determinante na questão da transmissão da memória às novas gerações.

“O que você aprendeu sobre a Segunda Guerra na escola?”

Perguntado a um japonês sobre quando foi a primeira vez em que ouviu falar sobre a Segunda Guerra Mundial, a maior parte das respostas não será diferente de “na escola”. No Japão, a educação infantil e a fundamental são obrigatórias, o que dá à educação do país o patamar de excelência e mantém, há séculos, a taxa de analfabetismo zerada. Neste sentido, a

escola tem um papel fundamental na formação educacional e ideológica do japonês, na medida em que faz parte de pelo menos nove anos de sua vida e, nesses anos, além de alfabetização, fornece conhecimentos básicos em todas as áreas, inclusive a História, obviamente.

Sem a intenção de criar estatísticas ou considerações definitivas sobre a forma com que o ensino da História é praticado no país, por não atingir um número significativo de pessoas, fizemos algumas perguntas, de maneira informal, como numa ação entre amigos, a japoneses com idades um pouco acima de 20 anos. As perguntas, bem básicas, buscando respostas com maior conteúdo ideológico à técnico, foram: 1) “Quando e onde você ouviu falar sobre a Segunda Guerra Mundial pela primeira vez?”; 2) “Na escola, o que você aprendeu sobre essa guerra?”; 3) “Hoje, o que você pensa sobre a Segunda Guerra?”; “4)

“Fora da escola, você já assistiu ou leu algo sobre a Segunda Guerra Mundial? O quê?”. Além dessas questões, colhemos a data de nascimento e a escolaridade dos entrevistados.

Em relação à primeira pergunta, como dito acima, a maioria das respostas é igual no sentido de afirmar que o primeiro local onde se escuta sobre a guerra no Japão é a escola e, mais especificamente, entre o 2º e o 5º ano, quando as crianças tem entre 7 e 9 anos.

Em geral, o que esses conhecidos afirmam saber sobre a guerra envolve o número de pessoas mortas ao longo do conflito, as bombas atômicas, o conteúdo básico – início e fim da guerra. Poucas citam as invasões japonesas e a fase de recuperação pós-guerra, afirmando, na maior parte das vezes, que a guerra foi desnecessária, muito prejudicial para a população japonesa e que não deve repetir-se.

Obtendo, entre as respostas, o ponto de vista de um jovem de 21 e de um senhor de 62 anos de idade, temos dois opostos de gerações estabelecidos; um correspondendo à geração que ouviu dos pais sobre a guerra e outro correspondendo à geração que pode escolher, no ensino médio, entre ter, ou não, aulas de História. Em alguns locais no Japão, História é matéria eletiva para alunos de ensino médio, ocorrendo, inclusive, casos de pessoas que não receberam aulas de história no período de três anos anteriormente à graduação.

Os dois casos específicos são muito interessantes e curiosos sobre a forma com que cada um desses indivíduos, em suas específicas épocas, recebeu informações acerca da guerra.

Ao analisarmos as respostas do senhor de 62 anos, percebemos, logo na primeira pergunta, o nível de conexão com a guerra, vivido por sua geração. Diferentemente das respostas fornecidas pelos nascidos depois de 1960, o homem responde que aprendeu sobre a guerra antes de entrar na escola, pois seu pai fora militar. E, apesar de afirmar não lembrar-se do que aprendeu na escola sobre a guerra, por ter sido há muito tempo, sua resposta sobre seu pensamento atual sobre o conflito ainda remete aos ensinamentos recebidos pelo pai. Quando perguntado sobre seu ponto de vista sobre a Segunda Guerra Mundial, o senhor afirma que “Não pode ocorrer outra guerra como a Segunda Guerra Mundial, mas no caso de agressão, devo guerrear pela família” (*“Dai ni-ji sekai taisen ni kagirazu sensō wa ikenai, shinryaku sa retara kazoku no tame ni tatakau.”*).

Em contrapartida às respostas cheias de ideologia, significado, informação e memória, colhidas junto ao representante da geração pós-guerra, deparamo-nos com o que pode indicar ser um fruto de uma transmissão de memória controlada e tolhida, em especial pela forma com que a educação evoluiu no Japão das últimas décadas: o jovem de 21 anos afirma ter ouvido falar sobre a guerra na escola e ter aprendido a respeito dela, por exemplo, o que era capitalismo e socialismo, guerra e paz. Pelas respostas, percebemos a posição e a atitude contrária à guerra. Além disso, o jovem considera impensável o uso de armas biológicas ou nucleares, considerando um grande risco a detenção de armas desse tipo por parte de alguns países.

Tal comparação de pontos de vista indica, de forma superficial, em uma pequena amostragem, a forma como a educação no Japão transmite aos jovens as informações sobre a guerra. Não por ater-se a apenas um dos lados, sendo parcial, mas por negligenciar determinados dados básicos sobre acontecimentos fundamentais, apesar das constantes declarações dos órgãos governamentais sobre os esforços direcionados ao aprimoramento do material didático utilizado nas escolas.

Conclusões

Neste artigo, tentamos demonstrar que, a partir de 1945, o Japão assistiu a uma rápida construção de variadas memórias, tomando aspectos sociais diversos, grupos sociais de variados focos e interpretações sobre os fatos ocorridos durante o conflito. Hoje, tais memórias acerca da Segunda Guerra Mundial apresentam dois aspectos fundamentais, que as separam em duas características específicas e muito poderosas no país: o pacifismo e o nacionalismo, refletidos, em especial, na questão educacional japonesa, no que diz respeito ao ensino nas escolas ou nas informações recebidas pelos jovens fora delas.

A educação, em países marcados por acontecimentos polêmicos, como o Japão, torna-se um mecanismo de memória e, mais especificamente, um mecanismo da memória oficial. A partir do momento em que o método de ensino nas escolas reflete a aprovação direta de órgãos governamentais, as informações que são transmitidas às novas gerações de maneira formal tornam-se reflexo da memória considerada oficial, ou seja, são frutos do que o Estado defende como memória de guerra. Como afirma Michael Pollak, a confiabilidade da memória é seu maior obstáculo, na medida em que se deve dar credibilidade, aceitação e organização a uma memória para que esta seja concretizada como oficial – o que pode ser claramente observado no caso japonês.

Nos livros didáticos japoneses, é possível observar não uma modificação dos fatos e sim uma determinada falta de informações fundamentais a estes. A educação japonesa suprime a história, colocando-a em segundo plano, numa forma de escapismo do passado. Além da abordagem do material didático, não se pode negligenciar a parcela humana do processo, lembrando que o uso dos livros, em sala de aula, é guiado por um professor, o qual também apresenta um conhecimento constituído sobre a base de memória que lhe foi transferida ao longo de seus anos de formação. A posição sobre a guerra demonstrada pelos japoneses, mesmo que informalmente, nesse sentido, traz como pano de fundo uma pesada carga recebida das gerações anteriores.

Respondendo, ainda, outras questões que colocamos ao abordar o quadro de representações de memórias japonesas, podemos afirmar que a educação no país busca, sim, dar crédito ao que consideramos a memória oficial, sustentada pelo governo. E, nesse sentido, alguns dos livros didáticos japoneses, ainda no ano de 2010, apresentam determinados vácuos de informação sobre os acontecimentos da primeira metade do século XX.

Não se pode, também, negligenciar a forma com que, para além das salas de aula, a memória mostra-se presente e influente no dia a dia do povo japonês. Isso implica afirmar que o estabelecimento dos chamados “lugares de memória” é um dos pontos marcantes na cultura voltada para a memória de guerra criada no Japão ao longo dos anos. Assim, as cidades de Hiroshima e Nagasaki, como representações espaciais do caráter trágico da guerra, são centrais no que diz respeito a locais voltados para registro, representação e transmissão de memória. Elas trazem consigo a especificidade de representações ligadas ao grupo de sobreviventes às bombas, que assumem a missão de contar suas histórias de vida, como parte da mensagem pacifista que as cidades buscam transmitir. E, nessa condição, passam a representar muito mais, a partir do momento em que assumem a posição de parte fundamental da formação educacional nipônica de história sobre a Segunda Guerra Mundial, como passagem obrigatória dos jovens nipônicos ao longo da formação escolar. As cidades são, por fim, elementos importantes no estabelecimento do quadro de memórias hoje apresentado pelo Japão. Quadro este que se reflete diretamente na imagem japonesa e nas relações exteriores do país, em especial no que diz respeito a seus vizinhos asiáticos.

Fontes

ATARASHII no **Rekishi no Hon**. Tokyo: Fushōsha, 1998.

ATARASHII **Shakai Rekishi**. Tokyo Shosheki. 1998.

CHUGAKU **Atarashii Rekishi: Nihonshi to sekai**. Shimizu Shoin. 2001.

CHUGAKU **Shakai Rekishi: Nihon ayumi to sekai. Nihon Bunkyo** Shuppan, 1997.

EFE. Nobel protesta contra versão japonesa da história. In: **Estadão Online** - <http://www.ultimosegundo.com.br>. Tokyo, 5 de abril de 2007. [último acesso: 20/05/2008, 16:40].

KIMURA Shigemitsu. **Kuwashii rekishi chūgaku 1 – 2**. Bun Ei-do, 2002.

KYOKASHO tosho **kentei chosa shingi-kai. Kyokasho no kaizen nitsuite - kyokasho no shitsu-ryou ryomende no jujitsu to kyokasho kentei tetsuzuki no tomei-ka (hokoku)**, 25/12/2008. <http://www.mext.go.jp/> [última visita: 16 de dezembro de 2010].

MEXT. <http://www.mext.go.jp/> [última visita: 16 de dezembro de 2010]

YAMAGAWA. **Shosetsu: Nihon-shi**, 2010.

YAMAGAWA. **Shosetsu: Nihon-shi zuroku**, 2010.

木村茂光. 「くわしい歴史 中学1-2」文英堂, 2002.

山川「詳説:日本史」, 2010.

山川「詳説:日本史図録」, 2010.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 103-130.

BUENO, Eva Paulino. “As lições de Hiroshima”; in: **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II, nº 23 – Abril, 2003.

CULLEN, Louis M. **A History of Japan, 1582 – 1941**. United Kingdom: Cambridge University Print, 2003.

DOWER, John W. **Embracing Defeat: Japan in the wake of World War II**. New York: Norton, 2000.

HICKS, George. **The Comfort Women**. New York: W. W. Norton & Company, 1997.

IKEGAMI, Akira. **そうだったのか!日本現代史**. Tokyo: 集英社, 2008.

LAGROU, Pieter. **História e Memória, o Exemplo de Duas Guerras Mundiais**. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 5, Nº02, Rio, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 103-130.

SAITO. Takashi “Current views of World War II in Japan”. In: Buletin du Comité **International d’histoire de la Deuxieme Guerre Mondiale**. Paris- Institut d’histoire du temps présent (CNRS), 1999-2000, n. 30-31, p. 153-160.

SERAPHIM, Franziska. **War Memory and Social Politics in Japan, 1945 – 2005**. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As Relações Internacionais da Ásia e da África**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

YAMASHIRO, José. **Pequena História do Japão**. São Paulo: Ed. Herder, 1964.

YOSHIKI, Yoshimi. **Comfort Women. Sexual Slavery in the Japanese Military During World War II**. New York: Columbia University Press, 2000.

YOSHIDA, Takashi. **The Making of the “Rape of Nanking”. History and memory in Japan, China, and the United States**. New York: Oxford University Press, 2006.

Notas

[1] Doutora em Ciência Política pela Osaka University e mestra em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.